

MOBILIZAÇÃO FRENTE À TUBERCULOSE E COINFEÇÕES EM FAVELAS E PERIFERIAS DE CENTROS URBANOS BRASILEIROS

“É PRECISO TER UM OLHAR MAIS AMPLIADO E PENSAR NOS DETERMINANTES SOCIAIS”, AFIRMA O COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO TUBERCULOSE BRASIL



Foto: Target

Basilia conversou com os participantes da reunião do Fórum ONG TB/RJ

Ao conduzir a reunião de maio do **Fórum ONGs Tuberculose do Rio de Janeiro**, Carlos Basilia, coordenador do Observatório Tuberculose Brasil, abordou aspectos importantes na luta pelo combate à doença.

Segundo Basilia, para prevenir a Tuberculose é preciso diminuir as condições urbanas

de disseminação. Durante o debate entre os participantes do encontro também foram pautadas a importância da academia em dar visibilidade à doença e os problemas no Brasil, como o diagnóstico tardio.

Confira a entrevista com Basilia sobre qual é a visão predominante da Tuberculose no meio acadêmico e também entre médicos sanitários e o movimento social:

Como a academia está olhando para os determinantes sociais em relação a Tuberculose?

Do ponto de vista da TB ela é muito pouco abordada ou aprofundada. De uma forma geral, a visão predominante é uma visão biomédica e farmacológica que concentra muito a atenção, o estudo, a pesquisa e a produção de conhecimento em cima desta abordagem que busca o foco no diagnóstico e tratamento.

E uma outra parte complementar é a questão operacional, como é que se organiza o serviço, como funciona o sistema de saúde, como os serviços se organizam para garantir o acesso e como se dá esses acessos nos níveis das complexibilidades, na atenção básica, no nível primário, secundário e terciário. Mas, especificamente falando da determinação social, essa é uma discussão que ainda precisa ser feita e mais aprofundada, ampliada e melhor qualificada.

[A entrevista continua no verso]

ATENÇÃO:

É preciso olhar, também, para a necessidade de se constituir redes e grupos de apoio de solidariedade às pessoas. Não basta somente a oferta biomédica do tratamento e diagnóstico, é preciso ter um olhar maior.

Combate e prevenção a Tuberculose são temas de oficinas na **Cruz Vermelha e Morro dos Prazeres** | Pág. 2

O olhar do SUS e a diferença da prevenção e tratamento, bem como o olhar dos médicos sanitaristas, é diferente do olhar do movimento social?

A intervenção na saúde é um aspecto, mas é preciso ter um olhar mais holístico e ampliado para a determinação social e pensar na necessidade de intervir na questão da urbanização, condição de moradia, de renda e nas próprias condições de qualidade de vida dessa população. O perfil predominante na TB hoje é de pessoas de baixo poder aquisitivo, nível de informação precário, que vivem em condições de insalubridade, em favelas, periferias, casas amontoadas e com pouco acesso à informação ou ao serviço de saúde, com coberturas ainda insuficientes do Programa de Saúde da Família e de agentes de saúde. A visão ainda é aquela que o sujeito tem que

procurar a unidade de saúde. Ele tem que se sentir mal, tem que perceber que está comprometido no seu dia-a-dia de tal forma que busque uma unidade de saúde e acabe sendo diagnosticado, quando o ideal seria uma busca mais ativa destes casos, na medida que você tem territórios, regiões, veiculações de ações mapeadas como de alta incidência ou de epidemia concentrada da doença. O correto seria que houvesse uma cobertura e uma melhor qualidade na busca ativa destes casos.

Neste aspecto dos determinantes sociais, o que é importante ser levado em consideração?

O que vem à luz é a visão da questão biomédica e farmacológica, diferente do ponto de vista dos pacientes que trazem um histórico e um relato da vivência do fato de adoecer e do impacto econômico, social e humano,

do estigma, discriminação e isolamento. Quando você ouve pacientes, familiares e os movimentos que discutem a TB, há sempre um apelo no sentido de olhar para além do bacilo. Então é preciso olhar a prevenção e entender que não tem só o ponto de vista do diagnóstico e tratamento ou da vacina, mas pensar a intervenção nos espaços urbanos que favoreçam sua disseminação, interferir na determinação social. É preciso olhar, também, para a necessidade de se constituir redes e grupos de apoio e solidariedade às pessoas. Não basta somente a oferta biomédica do tratamento e diagnóstico, é preciso ter um olhar maior, não apenas para o SUS. É preciso articular a saúde com a assistência. Estudos da própria Organização Mundial de Saúde assumem que existe um impacto econômico da doença. Além do impacto na saúde, social e humano, temos que abordar o ponto de vista de integrar políticas e programas e se ter uma visão mais integral.

OFICINA TUBERCULOSE E MORADIA SAUDÁVEL NO MORRO DOS PRAZERES

No dia 16 de abril foi realizada no Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro, uma oficina sobre Tuberculose e moradia saudável para os integrantes do projeto Jovens Construtores/Reciclação. Cerca de 25 jovens participaram da oficina que trouxe um olhar ampliado da doença sobre os determinantes sociais e ambientais, sobretudo na questão da moradia saudável.

A iniciativa tem como objetivo contribuir para a formação da saúde, educação ambiental e coleta seletiva do Morro dos Prazeres, além de promover a capacitação profissional na área da construção civil. Dessa forma, os jovens adquirem noções de construção e aplicam na própria comunidade.

“Foi superprodutivo pois nos permitiu um conhecimento sobre uma doença que está presente há muito tempo em nosso dia-a-dia, que pouco conhecíamos”.

(Participante e morador do Morro dos Prazeres)



Jovens realizaram dinâmicas em grupos

OFICINA DE CAPACITAÇÃO E PLANEJAMENTO DE AÇÕES PARA O CONTROLE DA TB

No dia 25 de abril, o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) realizou a “Oficina de Capacitação e Planejamento de Ações de Controle da Tuberculose” que faz parte do projeto Mobilização Frente à Tuberculose e Coinfecções em Favelas e Periferias de Centros Urbanos Brasileiros (Comunidades Sem Tuberculose).

A atividade reuniu 46 pessoas. Os participantes qualificaram seus conhecimentos e organizaram atividades numa Matriz Coletiva de Ação que será desenvolvida em territórios vulneráveis. A oficina reuniu agentes comunitários de saúde de diversas regiões do Rio de Janeiro, além de voluntários e alunos do Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha/RJ.

“Achei o máximo todo planejamento e execução do curso. Parabéns à toda a equipe. Essa oficina será de grande proveito na minha comunidade.”

(Participante da Oficina)



Agentes comunitários, voluntários e alunos do Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha

Realização:



Parceria:



Apoio:



Ministério da Saúde

